



ALEXANDRA MALHEIRO

DOENÇA CRÓNICA



Isto, ou uma garça-real
voando sobre o rio.

*“Palavras não me faltam (quem diria o quê?),
faltas-me tu poesia cheia de truques.
De modo que te amo em prosa [...]”*

Manuel António Pina

Pediram-me para escrever e eu escrevo, mas escrever o quê, como? Com que palavras e truques? Que escrevesse sobre mim e sobre aquilo que publico, sobre a minha poesia, escrever sobre o que escrevo então, e logo me perco no labirinto da autocontemplação. Ou um poema — escreve um poema — mas que poema se, como ao Pina, me falta já a poesia e todo o meu amor se há-de escrever em prosa?

Escrever-vos-ia um poema, ainda que em prosa — e isso que importa? — se as palavras, estropiadas, não se esgueirassem, semoventes, por entre dedos. Poder-vos-ia pintar a cores esta cidade cinzenta onde apoio a cabeça para sonhar, a cidade que desce em socalcos até desaguar no Douro. Ao longe um eléctrico, desenhando a curva, chiando memórias nos carris, atravessando a cidade numa tarde de Outono, cruzado pelo fumo dos assadores de castanhas. Nas esplanadas, uma babel de cores e línguas experimenta a cidade das pontes. No fim do dia, e do texto, as pálpebras pesando-me, apago lentamente o azul dos olhos, como quem fecha o mar para dormir.

“Semanário Grande Porto” — 16/03/2013

Uma crónica em forma de assim

A Edita-Me, editora com a qual publiquei o meu último livro, acaba de lançar esta publicação, a “Revista-Me” e eu, que gosto de estrear coisas, decidi aceitar o convite para passar a colaborar de forma periódica, que é como quem diz crónica, com um texto narrativo, normalmente chamado de “crónica”, veja-se logo aqui a redundância, o pleonasma.

Vai daí fiquei a cismar no nome que havia de dar a esta com que vos presenteio. À laia de estreia, e muito a meu jeito, decidi que havia de ser coisa para nunca sair do seu lugar, para andar em volta de si mesma, como percebemos que são afinal todos os textos, se os lermos com atenção. Senão vejamos: em tudo o que escrevemos quase todas as palavras são redundantes e, ainda assim, são sempre necessárias. Se não percebem passo a explicar, que é disso bom exemplo esta crónica. Nela todas as palavras, estas que agora ledes, são a meu ver absolutamente necessárias para que me compreendam, para que eu me faça entender, para deixar bem explícito o assunto sobre o qual falo, sem elas ninguém perceberia o tema, o motivo da crónica, a crónica seria ilegível, incompreensível, não faria qualquer sentido, não seria um texto nem podia jamais chamar-se “crónica”,

ou o que quer que seja, por ser inexistente. Mas se pensarmos bem, serão estas palavras necessárias? Ou ainda por outras palavras (sim, ainda elas, as palavras) — que interesse pode ter esta crónica se a crónica é sobre ela própria e o seu conceito, se gira em torno do seu eixo, se é uma crónica sobre a crónica? Utilidade? — nenhuma, mas ao mesmo tempo alguma, quanto mais não seja a de ser em si mesma um paradoxo — conceito com o qual sempre simpatizei — e ser mais, ser a primeira, a que explica, a que ilustra, a que se apresenta assim, para que daí por diante a fiquem a conhecer sem ter de novo de ser explicada, esmiuçada, escrutinada e definida.

Assim achei completada a função de escrever a primeira das mais crónicas que se hão-de seguir a esta, com o título genérico de “Crónicas do interior” para identificar a sua origem. A esta primeva, após longa e aturada ponderação, coube-lhe o título, descaradamente decalcado do O’Neill mas sujeito a honroso “aperfeiçoamento” para melhor servir os meus propósitos, ficando a chamar-se “uma crónica em forma de assim”, que por mais que se tente e faça é coisa rara e difícil de descrever.

Revista-Me — “Crónicas do Interior” — Abril, 2011

Crónica a uma folha em branco

Tenho esta coisa com as páginas em branco. Olho-as e elas começam a bulir comigo e eu a bulir com elas. Depois é um desatar de palavras a escorregar pelo papel fora e a folha a ficar escrita, riscada a preto, feia, com a minha letra feia, e assim de ar sujo. Se ao menos eu tivesse uma caligrafia bonita, redondinha e pura, com pontinhos nos is iguaizinhos a bolinhas bonitinhas, engraçadinhas, a imitar corações. Mas nada disso, é feia, meia oblíqua e incerta, toda escrita às pressas, como quem foge ou não quer ser percebida.

Depois é todo um avolumar de signos e sentidos, de estórias e histórias, ideias e objectos, planos e pensamentos, coisas que eu não saberia arrumar sem as palavras. Fico então pasmada a perceber para que servem. Servem sobretudo para encher páginas — como esta — e servem para nos iludir que o abstracto que há em nós pode ser objectivado com estes conjuntos de letras. E eu às vezes a querer ver-me livre delas e das coisas objectivas e ser só coisas vagas, indefinidas, às vezes mesmo sem sentido (para que serve o sentido, mesmo?). Eu a querer fugir e pensar, sei lá, música em vez de palavras, sentir perfumes em vez das palavras que tantas vezes picam, como cactos,

agulhas, coisas irritantes que não nos deixam descansar, o raio das palavras. E eu a vê-las a crescer na folha antes em branco, tão purinha, tão capaz de ser ainda qualquer coisa, antes de eu a pisar com as minhas palavras e a minha letra feia, escrita a preto, ainda por cima — era a caneta que tinha —, se ao menos fosse a azul, sempre ficava mais bonitinha. Menos feia, quero eu dizer, quase se afiguraria a uma pintura abstracta, um desenho mais propriamente. Gosto das BIC cristal azuis e Parkers, deslizam bem, ajudam-me a sujar a folha com estilo, sem me emperrar as ideias.

Santo Deus, olha tantas! Tantas palavras já aqui plasmadas. Tanto papel sujo, podia ter sido uma folha tão bonita, com desenhos, por exemplo, se eu soubesse desenhar, ou notas de música, uma pauta, se eu percebesse alguma coisa de música, até podia ter sido um belo objecto literário, ter-lhe nascido no seu interior um romance, um conto, um poema, um previsível prémio Nobel da Literatura. Ou, pelo menos, uma carta de amor, mesmo que desastrada, uma que dissesse “amo-te” a tremer na linha, de letras embargadas, mesmo que fosse ridícula, como as que Ofélia recebia do Fernando. Ridícula como toda a carta de amor deve ser, como todo o Amor o é, também.

Não podendo ser nada disto, ficou assim uma crónica, apenas, mas não menos ridícula!

“Crónica de Segunda” — 19/12/2011

Crónica de Segunda — A verdadeira!

“É sexta-feira, yeah!” A música, ainda recente, de Boss AC fica nos ouvidos e traz-nos, como é habitual, um ímpeto de fim-de-semana. São centenas as musiquetas, umas melhores, outras apenas cantilenas infantis, a glosar os dias da semana e, pasme-se, a glorificação é sempre relativa à sexta-feira, pela proximidade dos dias de descanso. Já a segunda-feira é miseravelmente desprezada, como uma espécie de pior dia da semana, algo a evitar, um patamar a passar rápido, coisa a não deixar memória. As únicas músicas que recordo versando a segunda-feira, “*Monday, Monday*” dos *The Mamas and the Pappas*, esperançosa no início, acaba por não ter um final feliz para o dia da semana, descrevendo-o como uma memória de choro, e “*Manic Monday*” das *Bangles*, que é isso mesmo... “*manic*”.

Toda a ideia, não só na semana mas em tudo o resto, de ser segundo, secundário, de segunda é uma ideia a evitar. Na sociedade competitiva em que vivemos não ser o primeiro é ser o último ou, na melhor das hipóteses o primeiro dos últimos o que, certamente, não chega para nos avolumar o ego. Ser segundo, secundário, é depender e ninguém deseja ser dependente. O mesmo com o pobre dia da semana que é nada mais, nada

menos que o segundo, logo após o domingo, e só é primeiro se o considerarmos o iniciador de um chorrilho de lamentos e misérias concernentes com o facto de ter terminado o escasso tempo de remanso entre semanas de trabalho. Na verdade, a páginas tantas, percebemos que vivemos a vida procurando que passe depressa, de semana em semana para atingirmos dois, às vezes apenas um, dias de descanso.

E estas crónicas tão singelas, pobretanas de literatura, são de segunda, como uma carruagem de comboio, mais fria e desconfortável, sem luxos. Dir-me-ão que não é importante, que qualquer que seja a carruagem, desde que o comboio não descarrile, nos leva ao mesmo destino. Porém, como em tanto na vida, interessa em geral mais a viagem do que o destino onde chegamos.

Crónica de Segunda — 18/02/2013

A saudade é uma doença crónica

A saudade é uma doença crónica. Vou aprendendo, com o tempo e a vida, que assim é. Só existe em português a palavra, dizem-me, e eu, que não conheço do mundo todas as línguas, senão duas ou três, acredito-me, ficando-me nesta muito portuguesa firmeza de propósitos de ser fiel à nossa própria melancolia.

Ter saudades nem sequer é mau, significa que tivemos algo que nos foi tão agradável que gostaríamos de repetir ou de nunca deixar de ter. Ter saudades de um registo parado, de uma situação já ida, é um estado depressivo de português resignado e triste esperando a miséria do seu fado, que fica a olhar para trás carpindo as mágoas do que já não há. Porém, ter saudade de alguém, ainda que sendo um sentimento de incompletude, às vezes marejado a lágrimas, não deixa de ser um bom sinal, reportando-se a alguém que de tal forma nos terá iluminado, que estando ausente a esperamos, a desejamos, a recordamos, lembrando as coisas boas que sentimos na sua companhia. Por isso não se cura a saudade, é doença crónica que temos de transportar, só se trata com a presença mas quando esta termina, ou se de todo não for possível, fica este buraco, este vazio, esta insuportável melancolia, ao ponto de

Reúnem-se neste livro um conjunto de crónicas de Alexandra Malheiro, antes dispersas em diversos formatos, desde jornais, revistas, edições impressas e online. Como pano de fundo a cidade do Porto, com as suas ruas graníticas, os seus eléctricos chiando na curva das ruas e os seus cafés, os cafés onde se senta para escrever e de cujas montras faz montra do mundo. Crónicas como fotografias, instantâneos, mostrando-nos o retrato do que somos todos os dias, cronicamente e as moléstias que nos afligem, mais na alma que no corpo, as doenças crónicas da existência.

“

Entrar numa crónica, pela via do leitor ou da sua autoria, é assumir uma viagem que nunca sabemos bem onde nos levará. [...]

Há uma certa poesia inerente à composição da crónica, uma vez terminada sinto-a como uma espécie de êxtase, como um membro que se soltasse, como se a mão que escreve se fosse alongando, alongando, alongando... até se soltar sob a forma da crónica e zás, ali está ela – metade eu, metade imaginação, coisa minha e coisa sem pertença nenhuma, qualquer coisa perto do mito, uma mistificação. [...]

”

Aqui estão elas, tomai-as, as crónicas e por isso repetitivas, como uma doença ela também crónica.